Fundamentos Geopolíticos da Comunidade Lusíada

OVÍDIO DA CUNHA

Digitalizado pela
Frente Integralista Brasileira
http://www.integralismo.org.br/

Deus - Pátria - Família

OVÍDIO GOUVEIA DA CUNHA

"Curriculum Vitae"

Títulos Científicos

Bacharel em Direito, pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil. Doutorado em Direito pela Universidade do Brasil. Assessôr de Educação, por concurso, do Estado do Rio de Janeiro. Catedrático de Sociologia da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal Fluminense.

Sociedades Culturais

Sociedade Brasileira de Geografia. Academia Petropolitana de Letras (Petrópolis); Sociedade de Filosofia; Academia de Ciências Sociais e Políticas de S. Paulo; Conselheiro da OENG do Brasil (Organização das Entidades não Governamentais).

Cargos em Magistério

Professor de "Introdução à Economia". da Faculdade de Ciências Contábeis do Instituto Brasileiro de Contabilidade; Ex-Professor de Economia do I.A.G.; Ex-Assistente da Cadeira de Geografia Econômica da Universidade do Brasil; Professor de Geografia Humana do Brasil, do Colégio Comercial I.B.C.; Ex-Professor de Filosofia e História Geral do Colégio Jurena (2.º ciclo,.

Obras e Artigos publicados

"Diretrizes da Antropografia Brasilense"; "O Homem e a Paisagem"; "Sistemática da Geografia Humana"; "A América e o Mundo"; "1.º volume da Temática Geral (introdução)"; 2.º volume (em preparo)

Artigos:

Separata da Revista do Clube de Engenharia "Economia Pura" 1 — Boletim do Ministério do Trabalho — de 1935 a 1940; 2 — No "Observador Econômico e Financeiro" — de 1935 a 1942; 3 — Na Revista da UFERJ, artigos diversos e ensaios; 4 — No Boletim da Sociedade de Geografia, idem, idem; 5 — Nas Revistas "O Homem Livre", "Estudos", "Aspectos", "do Clube de Engenharia".

Condecorações

Medalha Anchieta para o Magistério do Est. da Guanabara. Medalha da Aliança Francesa. Cruz de Mérito, Isabel a Redentora. Grande Oficial da Ordem dos Cavalheiros de São Paulo Apóstolo. Medalha Dona Leopoldina.

"Discurso pronunciado pelo Professor Doutor Ovídio da Cunha, Catedrático de Sociologia e Economia Política da Faculdade de Economia da Universidade Federal Fluminense, no dia 22 de março de 1967 no Real Gabinete Português de Leitura, em sessão comemorativa do dia da Solidariedade a Angola, organizada pelo Centro dos Portugueses do Ultramar".

Não posso dissociar a presença do amigo de Portugal, do soldado de há 30 anos integrado na causa da Comunidade Luso-Brasileira, da responsabilidade de Chefe da Cadeira de Sociologia da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal Fluminense, até porque a responsabilidade desta Chefia, ela própria, é que me induz aqui a estar presente para fazer o apanágio, a defesa, a apologia e a análise da complexa cultura Luso-Brasileira, que, no dizer do grande Sociólogo Gilberto Freyre, é a cultura Ocidental mais ameaçada no momento. Por conseqüência, penso que esta análise deva ser dividida em 3 partes: —

a 1.ª, seria o aspecto geopolítico do problema da Comunidade Luso-Brasileira; a 2.ª parte seria a prospecção histórica da Comunidade. E a 3.ª, o problema da nossa querida Angola, o Brasil do Ultramar.

Kjeller o constitucionalista sueco de "1900", em referências feitas em Estocolmo e Copenhague lançou as bases de um ramo da Geografia Política que veio a denominar-se de Geopolítica. A Geopolítica era a Ciência que ensinava a maneira pela qual os Estados controlavam os seus Territórios, e se fundia intimamente à própria Geografia Política, na sua expressão territorial. Veio a tese de que o solo era parte fundamental à idéia de Estado; à própria Constituição do Estado. E, naturalmente, Kjeller aludia às configurações dos Estados modernos e falava em Estados contínuos de cultura descontínua, Estados contínuos de cultura contínua, e Estados descontínuos pluri-continentais. Aludia aos Estados Unidos da América do Norte, Estado descontínuo, pluri-continental porque possui, hoje, Unidades Federativas perfeitamente definidas, perfeitamente solidárias ao corpo continental do País, como o Estado do Havaí, como o próprio território do Alasca que não sendo con-

tíguo ao território metropolitano Estadunidense é uma unidade federativa dos Estados Unidos da América do Norte.

Aludia ao Reino Unido com os exemplos que todos nós conhecemos. Mas, não há, na história diplomática dêstes últimos 50 anos, questões que discutam a legìtimidade da soberania sôbre êstes territórios, ou dúvidas por essas nações que eu acabo de mencionar. Entretanto, há o exemplo da Nação Portuguêsa que tem uma continuidade de oito séculos de história, que sendo de território descontínuo e pluri-continental tem êste milagre cultural, esta coisa singular na História: tem perfeita continuidade cultural e é um exemplo admirável de como uma nação pode conservar-se íntegra, durante 8 séculos, sem solução de continuidade. Tendo a unidade do idioma e a unidade da cultura através dos continentes em toda a terra, é justamente esta nação que tem, por todos os títulos, o direito à posse desses territórios que são províncias integradoras da comunidade portuguesa. Justamente, esta nação se vê, neste momento, solertementte agredida em nome de pretensas reivindicações. Por isso, nós, brasileiros, não poderíamos deixar de estar presentes a êste dia de so-

lidariedade. Porque, assim, como a presença do Brasil, hoje, como uma nação de 80 milhões de habitantes, também com a sua unidade cultural e a sua unidade política tão ligadas ao passado português, e deve mesmo a êsse passado a sua unidade; assim como o Brasil foi um episódio do périplo africano, o mesmo périplo é hoje revivido através dêste magnífico exemplo, desta belíssima iniciativa, que foi essa missão de confraternidade, que a nossa esquadra levou a Angola. Foi a Angola levar o conforto moral e a presença do Brasil, àquele outro Brasil que se está formando do outro lado, da mesma maneira, com o mesmo processo integrativo, com a mesma mensagem humana, com o mesmo ideal de lusitanidade, que é, justamente, aquele que nós vamos definir através de um sentido culturológico, que reside na seguinte definição: *é a única civilização difusionista no Ocidente, no momento.*

A civilização lusa, é a única civilização cosmopolita, é a única civilização que tem dado exemplo de versatilidade, porque foi sementeira de impérios, e o é, ainda, porque tem êsse poder fabuloso de miscigenar-se, criando uma panmixia étnica, que é exemplo único no mundo. Ontem,

as Nações Unidas instituiram o dia comemorativo do anátema à discriminação racial. Êsse dia deveria ser, com propriedade, o dia da luso-brasilidade. Porque nenhuma civilização tem tanta autoridade moral como a nossa para defender essa tese com exemplos, que aqui estão eloqüentemente demonstrados. A 2.ª parte da nossa fala é a prospecção histórica. Esta prospecção histórica, é a mais surpreendente e a mais fascinante possível, porque através de várias revelações situa o nosso querido Portugal, como a nação mais civilizadora do Ocidente, porque sendo uma nação Euro-Africana pela sua origem étnica, soube absorver, ao mesmo tempo, os princípios de ordem do Direito Romano e aquela idéia faústica de idealismo, de progresso e de civilização que só o missionarismo cristão lhe poderia dar na perspectiva histórica, fazendo com que Portugal construísse uma epopéia, a epopéia das descobertas marítimas, que têm um sentido psicológico todo especial. Aquele outro lado da Península Ibérica, tão glorioso e tão profundamente diversificado, que é a Espanha e que tanto admiro, não pôde, na sua literatura, criar uma epopéia. O seu Gênio, ao escrever um grande livro, fez uma sátira. Parece que há uma ironia no destino que aquela civilização, herdeira

do Império Romano, aquela civilização que até pelo seu próprio nome de Espanha, traduz os Fenícios, não pôde escrever uma epopéia, ela que tinha a alma da epopéia no seu próprio sangue; coube justamente ao lado talassocrático da Península Ibérica; coube justamente ao povo do mar, que é o português, a criação dessa epopéia, epopéia escrita e epopéia vivida que hoje ainda está presente no mundo através desta maravilhosa expressão, que é o português Ultramarino, quer esteja na África, quer esteja na Ásia, quer esteja na América. E, mais ainda, tornou-se nova. No após guerra, Nações novas, Estados recém-criados, olhando o mapa do passado, reivindicaram configurações de impérios fósseis, de impérios desaparecidos. E uma dessas nações, na Ásia, quis restaurar o Império Mauria. O império Mauria foi uma sombra do gênio de Alexandre, na Ásia. Se hoje nós temos uma civilização Ocidental, devemos de um lado, ao latim, do outro, às conquistas de Alexandre. Porque êle uniu o mundo através de uma língua comum. Pois bem, sendo Chandragupta Mauria lugar-tenente de Alexandre, uniu a Península Indostânica num momento fugaz, com um efêmero império. Mas deixou-nos, uma marca da sua passagem e uma FALA chamada

"CONCANIM" em Gôa, que é um idioma que tem vestígios do Grego. Se é o caso de nós restauramos o império Mauria por êsse argumento, eu proporia que a Índia fôsse anexada a Gôa, ao invés de Gôa ser anexada à Índia. Mas, há algo mais ainda. O tema da luso-brasilidade é inesgotável. Esta mesma Nacionalidade, não conseguiu criar a sua unidade, fragmentou-se no Paquistão, na Índia, na República do Ceilão e em outras divisões. Por conseguinte, que autoridade moral terá para ferir, apunhalar o enclave da Índia, que não está lá por acaso, mas existe há meio milênio? Há meio milênio, que os portugueses estão na Índia e não foram atrás de pedras preciosas, foram pelo idealismo de São Francisco Xavier, cuja mão embalsamada ainda lá se encontra.

Há, ainda, dentro da prospecção histórica, um sentido mais sério a analisar: *a vocação marinheira do português,* que lhe dá um sentido universal, difusionista, ecumênico. O seu poder de miscibilidade com todas as raças, encontra a sua origem cultural numa civilização fóssil proto-histórica que existiu na Península Ibérica. O grande arqueólogo português Carlos Ribeiro, estudando o homem do Tejo e, depois o professor de antro-

pologia da Universidade do Pôrto, Mendes Corrêa, estudando o homem de Muge, elucidaram o problema, — o homem do Tejo e o de Muge. E, finalmente, Oliveira Martins, analisando o problema da cultura Tardessiense, em Portugal, chegou à conclusão, que havia uma civilização proto-histórica conhecedora da Idade do Ferro, e que já praticava a pesca e já se dedicava ao mar. Esta civilização foi o fundo cultural da Península Ibérica. Foi a civilização que conheceu o misterioso povo de Iberos, que conheceu a tribo dos lusos, que preparou o fundo cultural para esta maravilhosa epopéia, que é justamente a realizada no "quinhentos" português. Mas, é preciso, que se diga um facto importantíssimo : essa civilização não era Européia, essa civilização era mais Africana do que Européia. A cultura *Capsiense* revelada pelo *Crânio de Asselar,* no norte da África e a presença, nos fósseis da Gruta dos Meninos (*Grimaldi*), revelaram exemplares e vestígios de elementos negros no sul da Europa. Então, essa cultura, era, em todos os aspectos, uma cultura euro-africana. Logo, isto, mostra uma predisposição biológica do português para o seu êxito como colonizador dos trópicos.

Gilberto Freyre, mostrou isso muito bem, admitindo que a tropicalidade do português é biológica. É atávica e sòmente êle e n o outro, poderia, com êxito, continuar, realizar algo nos trópicos. Portugal sementeira de impérios. Quem conhece a obra dos portugueses na Amazônia, quem sabe da existência de um forte Príncipe da Beira, em Tabatinga, quem conhece a obra do Bandeirante no Brasil, sabe o que representa esta coisa maravilhosa que é um povo que vem para a colonização dos trópicos caldeado por tôdas as raças da Europa, e, principalmente, por aquelas que já estavam atàvicamente ligadas ao mesmo, como o próprio elemento árabe que preparou, do ponto de vista técnico, Portugal para as grandes esperiências agrológicas do Ultramar. Êstes exemplos não ficariam apenas citados se nós não tivéssemos ainda a considerar que a obra dos portugueses na epopéia dos descobrimentos marítimos concentrada na Escola de Sagres, é a presença mesmo de uma cultura do seu tempo, realizando experiências científicas, que se situando à altura, colocam dentro de sua perspectiva histórica na mesma posição, hoje, das experiências espaciais. E que a aventura oceânica, naquela época era tão grandiosa e tinha repercussões tão profundas, quanto, hoje, as via-

gens espaciais. Essa Escola de Sagres a que eu aludi, era realmente liderada por um homem de ciência, por um sábio, por um asceta do saber que foi o infante Dom Henrique. E é fácil chegarmos a esta conclusão porque esta Escola de Sagres foi um núcleo que captou toda a cultura geográfica da Antigüidade. Como sabem, os árabes traduziram o Almagesto de Cláudio Ptolomeu. Mas o Almagesto chegou à Escola de Sagres no seu conteúdo original através de uma cultura directa, não indirecta. Êle chegou à Escola de Sagres através do Siríaco e do Grego, porque o Almagesto foi escrito originalmente em Siríaco e em Grego e não em Árabe, e a conclusão a tirar se está justamente neste facto: quando o genro de Batolomeu Perestrelo, casado com a filha Filipa, pretendeu a aventura de descobrir terras no Oceano dentro daquele sentido do *"El levante po el poniente"*, êle encontrou na política do segrêdo, o gêlo, uma certa indiferença.

Há quem diga que essa indiferença é porque já havia conhecimento das terras de além-mar. Êste conhecimento, em grande parte, era verdadeiro. Mas há um outro argumento mais sério dentro da distância entre *Catai,* o atual Japão, e *Palos.* A viagem de Colombo era inviável; êle mor-

reria de fome e sêde no caminho; é que o seu orientador intelectual, Paulo Toscanelli, conhecia a obra de Cláudio Ptolomeu através do árabe e contára as milhas que separavam Catai da Península Ibérica em milhas árabes e não em Stádios gregos. Se êle conhecesse o diâmetro exato da Terra não se lançaria na aventura. Porque, justamente, a Escola de Sagres conhecia a fundo o problema, estava com o depósito cultural dos gregos, dos caldeus e da Escola de Alexandria, não permitiu a aventura louca. Ela conhecia. E por que conhecia? Porque ela foi a instituidora da *Carta Plena de Mariar*. E essa *Carta Plena de Mariar* de onde veio? Veio de uma idéia de Cláudio Ptolomeu que, usando os paralelos e meridianos de Marinho de Tiro, foi aperfeiçoada pela Escola de Sagres, que reuniu, na sua época, os cosmógrafos mais notáveis da Europa e fez uma síntese da ciência cosmográfica, com uma pléiade de sábios.

Conseqüentemente, não era uma escola, apenas, que pesquisasse para conquista de novas terras. Era um laboratório científico de primeira grandeza. Um laboratório que deu, por exemplo, Pedro Nunes, com a Loxodromia e Artodromia; que criou a *Carta Plena de Mariar*, que aperfei-

çoou o astrolábio dos caldeus até ao sextante moderno, e, por sinal, foi justamente um português dos nossos dias, Gago Coutinho, que veio aperfeiçoar o sextante para as navegações aeronáuticas. Por conseqüência, esta Escola de Sagres, tão brilhante, tem dentro da perspectiva histórica o direito de reivindicar para si, pelo princípio jurídico do *"Uti possidetis"*, o direito de posse ao primeiro ocupante, todas essas terras do Ultramar, que fazem hoje uma constelação de províncias perfeitamente unidas, e com o *"status políticus"* exatamente igual ao de Portugal ibérico. É um estado descontínuo, pluri-continental, mas com um exemplo de continuidade cultural como poucos no mundo. Dentro dêste princípio, do *"Uti possidetis"*, quando, em 1448, Diogo Cão chegava ao Zaire, e lá assentou o padrão português, não encontrou um território definido pertencente a qualquer nacionalidade ou a qualquer Estado. Ocupou, povoou, e lançou a semente de uma civilização em povos que estavam ainda em idade lítica. Por conseqüência, esta ocupação continuada, de 4 séculos, é, realmente, o elemento básico, o elemento fundamental que, à luz de qualquer princípio jurídico, colocaria Portugal na vanguarda de qualquer nação, para ter uma profunda au-

toridade moral, considerando a integridade e a incolumidade de seu território. Mas, não é só isto. Há um outro aspecto mais importante a considerar. A cultura lusíada no mundo é a afirmação, na civilização moderna, de uma superioridade das culturas caldeadas no trópico, sôbre todas as outras culturas do mundo. No momento em que a humanidade se encontra face ao perigo de uma hecatombe nuclear, em que o hemisfério sul está por condições auspiciosas quase escapo a essa hecatombe, a preservação dessa cultura a preservação da luso-brasilidade no hemisfério Sul, é uma obra de sobrevivência da própria civilização. E, justamente, por ser ela uma civilização mestiça, uma civilização morena. O elemento melanodermo deixado à sua própria sorte, confinado na sua cultura fóssil, não teria nunca oportunidade de beneficiar-se da civilização, não teria o recurso da ciência médica, não teria o recurso de uma ordem econômica melhor, não teria o amparo ben fazejo dessas *misericórdias* pelo mundo afora; como que, traduzem a permanência e a perpetuidade do "milagre" das rosas de Santa Isabel. Mas êsse elemento melanodermo aculturado, integrado ao elemento português, cria uma vivência nova, formando esta coisa maravilhosa que é a civilização

tropical, com a sua vitalidade, com os seus valores artísticos, com êste horror à violência, com êste sentido de fraternidade que caracteriza tão bem a história do Brasil, que se faz sem violência. E eu indago: existe na história do mundo um exemplo que possa referendar essa observação? Indo em socorro da tese, a civilização Egípcia, foi na alta antigüidade, a mais humanista, a mais humanizada; foi a civilização que não admitia o homicídio culposo, condenava-o; foi a única civilização, na alta antigüidade, que protegeu a criança. E o que era a civilização egípcia? Era uma civilização tìpicamente africana. Por que africana? Porque, justamente, era uma civilização mestiça. Era uma civilização com regime matriarcal, elevada de uma cultura mais inferior e mais próxima do Equador, que foi a cultura *Joruba* representada pelos vestígios de *Sokoto e Kano*. Os Jorubas eram conhecedores do cobre e já estavam na fase proto-histórica. Então, esta civilização, penetrando a área nilótica e aculturando-se com civilizações mediterrâneas, produziu o esplendor da civilização egípcia. Uma civilização mestiça, que deslumbrou o mundo na alta Antigüidade. Por conseqüência, para nós, luso-brasileiros, o mestiçamento é o nosso melhor apanágio, é a nossa melhor fôrça, é justamente

nisto que está aquilo que agora vou dizer acerca de Angola.

Angola será sempre portuguesa, porque guerrilhas e terrorismos têm eficiência onde não há a oferta social de uma sociedade integrada. Integrada, pela miscigenação racial, integrada pelo facto de, hoje, estar em pleno progresso industrial, integrada porque o angolano sente-se tão português quanto o minhoto, ou quanto o cidadão de Lourenço Marques; integrada, porque Portugal é um país que não conheceu o feudalismo. As distâncias sociais em relação aos outros países da Europa são menores. A batalha de Aljubarrota foi uma batalha da burguesia, da classe média. Portugal é um país de classe média. Então, realmente, hoje, na Europa, (dizem os sociólogos) a classe média se está consolidando e em Portugal, ela, já está consolidada há muito tempo. No Portugal do Ultramar, também, forma-se a classe média, onde não há clima para os extremismos demagógicos e onde a integração social será a melhor resposta a êsses pruridos, a esta miséria moral, a esta felonia, que estão fazendo com a nossa Angola. As fronteiras da lusobrasilidade estão onde estiver a língua portuguêsa. Na sua unidade, na sua cultura. Por isso, em 1948,

quando aqui esteve Teotônio Pereira, visitando a cidade de Dom Pedro II, PETRÓPOLIS, eu tive a grande satisfação de saudá-lo em nome da Academia Petropolitana de Letras, dizendo que a neutralidade de Portugal, na Guerra, havia preservado o litoral africano; e a preservação do litoral africano foi, justamente, a preservação do Brasil. Hoje, 29 anos após, a nossa esquadra vai a Angola. Essa mesma esquadra que tem a flâmula da Escola de Sagres, o idealismo, o cientismo, a sua cultura e o seu tecnicismo. Não é demais repetir, de uma forma objectiva, realística, os feitos de Diogo Cão e de António Dias, o bandeirante de Angola, de Bartolomeu Dias, e daquele Vasco da Gama que roçou a Ilha de São João antes de Pedro Alves de Gouvêa, e de todos aquêles apóstolos do mar, que entre a ciência e a fé construiram esta comunidade à qual nós brasileiros estamos integrados, a qual nós, brasileiros, temos o dever de liderar. Porque ser lusófilo, no Brasil, é ser nacionalista, no bom sentido da expressão. Somos um território contínuo de língua portuguesa, onde a presença física do português se faz sentir. Não podemos deixar de compreender que, em cada lar, confundem-se primos, confundem-se parentes, confundem-se pessoas, que

se entrelaçam entre as duas bandeiras: a bandeira Branca e Azul de Afonso Henriques e a bandeira Auri-verde, que simboliza a tropicalidade, esta magnífica tropicalidade que está tão associada à cultura dos portugueses no mundo. Minhas senhoras e meus senhores, a nossa palavra cansou o auditório, por vêzes, porque em dados momentos, ela foi pespontada de certa erudição, mas necessária para o esclarecimento da verdade que hoje está sendo, intencionalmente, ocultada no mundo. A deformação da história do Brasil nas nossas escolas é um facto. Nós, professôres brasileiros, não podemos mais permitir êsse estado de coisas. Colo co-me na posição de professor da Universidade Federal, num dos Estados da união, ao lado de outros colegas brasileiros na cruzada pela rectificação da História do Brasil. Da história luso-brasileira, dessa História, que prova que nós fomos um Estado até 1816; Estado do Brasil, Estado do Maranhão. Esta História, que prova que fomos o 1.º povo na América a ter uma constituição escrita, o regimento 1548 dado a Tomé de Souza. Dessa História, que prova que as instituições que haviam no Brasil da época, eram projeções do próprio Portugal Europeu. Por conseqüência, em nome da verdadeira História, eu aqui estou. Não estou fa-

zendo o elogio de Portugal por estar na presença de portugueses. Estou fazendo a defesa de Portugal por ser brasileiro, e ser nacionalista. E quero orgulhar-me mais uma vez, da marinha do meu país. Esta marinha que tanto admiro, e que me custou alguns dissabores nas minhas modestas fôrças, quando doutrinava colegas e amigos, defendendo a necessidade inadiável da aviação embarcada. Hoje, esta marinha, aqui está adestrada e tècnicamente a par das melhores do mundo, contendo um pugilo de idealistas. Ela cumpriu uma gloriosa missão, quando foi a Angola fazendo dêsse Atlântico Sul aquêle ideal que eu sempre digo: — Atlântico Sul, Lago Luso-Brasileiro.

NOTAS

4) TARDENOSSIENSE

Cultura proto-histórica espalhada desde o Norte da África até ao Norte da França, sem características de transição entre o madaleniano e o neolítico. Na sua forma ibéro-sahariana já se iniciava no conhecimento dos metais. A sua economia foi, de um modo geral, baseada na pesca.

2) TARTÉSSIOS

Os nomes tartéssios aparecem em Portugal, com freqüência. O que não surpreende, porque sabemos por Festo Avienos, os cempses, estreitos parentes dos tartéssios ocuparam a Galiza e Portugal. A arqueologia confirma, túmulos com a cúpula de sacada e corredores comunica-

tórios, que se assemelham, em todos os sentidos, aos hipogeus de Micenas.

Tartesso, era a capital da Bética, e ainda tinha fastígio à época dos romanos. Os nomes das povoações em ipô, vulgares na Bética, também se vêem na Lusitânia. (Apud "Portugal não é Ibérico, pág. 107, Fran Pacheco, Ed. 1932 — Livraria Rodrigues).

3) JORUBA

Cultura proto-histórica estudada na região do Níger, em área cultural entre as localidades de Sokoto e Kano, por Frebenius, com características de estar em pleno período calcolítico, conhecedores do cobre, e constutores da taipa, que transmitiram ao Brasil na Casa rústica do caipira (Civilização Luso-Tupi de planalto paulista). Através dela (a cultura Joruba), assimilamos o Bumba-meu-Boi, que é sobrevivência transfigurada do culto ao Boi Ápis, egípcio.

Êste culto, foi também introduzido com a pecuária dos Garcia D'Ávila. As correntes de sangue do gado colonial, eram mescladas com planteis vindo da região do Sudão (Soldão, Sudão, Sudã) ou da região do Niger, do Tchad e do próprio Alto-Nilo.

4) CRÂNEO DE ASSELAR

Fóssil representativo da cultura ibéro-maurusiana ou capsiense, que teve seu foco de irradiação na Tunísia (Rammadixa D'El — Mekta, Tunísia) com várias capas culturais, a última evoluindo para a pesca, no litoral, em virtude da progressiva aridez do "habitat" geográfico.

Para a citação das características negroides dos fósseis de Grimaldi, (Costa Azul, França) veja-se a obra de Boule, "Os homens fósseis".

5) "ANTROPITHECUS"

A presença do homem na bacia do Tejo, está profundamente ligada à civilização dos Tartéssios. Veja-se "Homo" de Mendes Correia, e o estudo de Carlos Ribeiro sôbre o "ANTROPITHECUS" assim denominado por Mortillet. O sílex e os quartzitos do Tejo, provam a presença do homem desde o paleolítico inferior. Mendes Correia alude ao *homem de Muge* com características negroides. Em artigos na "Voz de Portugal" entre 1936-37, aludíamos àcerca da presença arcaica do Africano em Portugal (*negroide*), o que aliás causara certa estranheza nos meios lusos, do Rio, à época. A verdade científica também tem que ser proclamada. O português é uma etnía; não uma raça pròpriamente dita, mas o somatório de complexos de estoques étnicos, em caudais multimilenários, que o prepararam, biològicamente, para o êxito do povoamento nos trópicos, fundindo novas civilizações. O conceito de etnía deve-se a Mantandon (*Raça e Etnía*) em que sobrepõe o traço cultural ao aspecto étnico-somático.

Veja-se, ainda, de Carlos Ribeiro, a descoberta da Cultura megalítica Portuguêsa, foco de artes e padrões de técnica, que se irradiou da Ibéria até ao Norte da França.

6) EGÍPCIOS

Dizer que a civilização egípcia foi hamito-semítica, é apenas, um lugar comum. Toda civilização é aculturada, isto é, fruto de várias sobreposições de capas ou níveis de cultura. A egípcia ou nilótica é conseqüência das culturas pré e proto-históricas saharianas, como a própria língua *copta* demonstra pela influência das línguas *líbico-berberes, cuchita* do Alto-Nilo e *Amárico-Etiopiana*. Entretanto, sabe-se que o cobre entrou no Egipto, no fim do período calcolítico, período dos metais. O Egipto só conheceu o bronze depois de dois mil anos do seu uso generalizado no Oriente. Nos seus desertos, os minerais úteis não eram, nem abundantes, nem de fácil exploração. A civilização *fóssil joruba* é tão antiga quanto a egípcia, por isso é, perfeitamente plausível admitir se que o uso do cobre na terra de *Kimi,* tenha-se propagado através do Nilo, por meio do contacto com os povos saharianos, e não com os orientais. Até *Seti I,* importava-se bronze pré-fabricado do Oriente.

A literatura sagrada egípcia ,era muito moralizadora e profundamente casuística. Conceitos de dever, iniqüidade, bondade, surgiam freqüentemente. Ensinava a polidez e a bondade para com os humildes. Era, pois, uma civilização africana, como se prova através do vestígio matriarcal na posição social da mulher e no totemismo generalizado, características acentuadamente africanas, maxime na região sudanesa.

O episódio de Moisés, o infanticídio dos judeus, foi uma exceção; um caso político de xenofobia lamentável, mas que não modificou a posição da criança dentro da

civilização egípcia. Foi a maior e a mais brilhante da alta antigüidade. E foi, também, por isso mesmo, "uma cultura mulata".

Portugal é o criador, nos tempos modernos, de outras tantas civilizações mulatas pelo mundo afora. O exemplo serve para desmoralizar, completamente, o preconceito contra o homem de côr.

COMPOSTO E IMPRESSO
NAS OFICINAS DA
GRÁFICA OLÍMPICA EDITÔRA, LTDA.
RIO DE JANEIRO - BRASIL

EDIÇÃO DA
FEDERAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES
PORTUGUESAS E LUSO-BRASILEIRAS
RIO DE JANEIRO – BRASIL